

O QUE PENSAM E DESEJAM OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE EM ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Amanda Felix da Silva¹, Ramon de Oliveira²

¹Estudante do Curso de Pedagogia-CE-UFPE. E-mail: Amanda.hillton@hotmail.com,

²Ramon de Oliveira/ pesquisador do Depto Fundamento Sociológicos e Filosóficos da Educação – CE – UFPE. ramono@elogica.com.br

Sumário: Este trabalho objetiva investigar “O que pensam e desejam os jovens do ensino médio matriculados em escolas públicas da rede estadual de Pernambuco”. Além disso, a referida pesquisa objetiva em sua especificidade: levantar o perfil sócio-econômico-cultural dos jovens matriculados no ensino médio e analisar as concepções que os jovens matriculados no ensino médio têm sobre a escola e quais as expectativas que eles têm da escola em relação ao seu presente e em relação ao seu futuro enquanto trabalhadores. A metodologia utilizada para obtenção dos resultados consiste de entrevistas semi-estruturadas com jovens matriculados no ensino médio da cidade de Paulista/PE. Conclui-se que se faz necessária a reinvenção do ensino médio, de modo que as práticas da gestão escolar e de professores sejam repensadas para uma educação que alcance a amplitude social, atingindo não apenas o aluno, mas o jovem-aluno, pertencente a realidades ímpares, fora do estereótipo de aluno ideal.

Palavras-chave: Ensino Médio; Escola Pública; Juventude;

INTRODUÇÃO

A escola faz parte da construção da identidade juvenil, é um meio em que os jovens se deparam com grupos culturais no qual eles se identificam coletivamente de acordo com suas crenças e conhecimentos, no entanto como se fossem tribos, eles se unem em troca de aceitação, gostos e semelhanças culturais.

A escola não é apenas para os jovens o lugar de aprendizagens de conteúdos curriculares, é principalmente espaço de socializações e interações.

Diante desse quadro criam-se necessidades da reinvenção do ensino médio, de modo que o currículo, as práticas da gestão escolar e da ação dos professores sejam repensadas para uma educação que alcance a amplitude social, que alcance não apenas o aluno, mas o jovem-aluno. Oriundos de realidades ímpares, são considerados “outros”, fora do estereótipo de aluno ideal. Para Arroyo (2010) o reconhecimento dos jovens que vão chegando ao ensino médio, considerados os outros, “de outras origens: sociais, raciais, étnicas, dos campos e das periferias” (ARROYO, 2010. p, 55), faz parte do processo de reinvenção do ensino médio.

Partindo desses pressupostos é que queremos investigar “O que pensam e desejam os jovens do ensino médio das escolas públicas da cidade de Paulista/PE, analisando suas concepções sobre a escola e quais as expectativas que eles têm da escola em relação ao seu presente e em relação ao seu futuro enquanto trabalhadores.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de pesquisa apresenta dois eixos teórico-metodológicos:

O primeiro momento compreendeu duas etapas: 1) Desenvolver um levantamento bibliográfico sobre a temática juventude e ensino médio 2) Levantar e analisar o perfil

sócio-econômico-cultural dos jovens, matriculados no ensino médio das escolas públicas estaduais da cidade de Paulista com elaboração e aplicação de questionários, o qual possuía 43 questões. Responderam a este questionário um total de 246 jovens-estudantes, sendo 82 alunos cursando o 1º ano, 84 alunos do 2º ano e 84 alunos do 3º. O local de aplicação foram as escolas Escritor José de Alencar localizado no bairro de Maranguape1, 51 alunos; a Escola Arnaldo Carneiro Leão no bairro de Maranguape 1,115 alunos e a Escola Estadual de Paulista no bairro de Torres Galvão, 84 alunos.

O segundo momento consistiu na elaboração e realização de entrevistas semi-estruturadas com jovens matriculados no ensino médio da Escola Estadual de Paulista. Objetivou-se com as entrevistas analisar as concepções que os jovens matriculados no ensino médio têm sobre a escola e quais as expectativas que eles têm da escola em relação ao seu presente e em relação ao seu futuro enquanto trabalhadores. A realização das entrevistas foi guiada por um roteiro contendo 22 perguntas. Foram 12 jovens entrevistados, sendo: 6 do turno diurno e 6 do turno noturno, para cada turno: 3 jovens do 2º ano e 3 jovens do 3º ano.

RESULTADOS

Durante a pesquisa verificamos que 50% dos jovens entrevistados que estudam a noite trabalham, ou seja, o índice de migrações e matrículas para o ensino noturno tem sido frequente nas escolas públicas da cidade de Paulista/PE, o motivo majoritário é o trabalho.

Porém, a prioridade pelo trabalho ao invés da escola pelos os jovens evidencia um problema da desigualdade social entre pobres e ricos, em que a falta da moratória social, influência e às vezes determina a procura pelo trabalho muito cedo.

O que percebemos é que esses jovens-alunos incorporam o significado da escola como exigência do mercado de trabalho, o que revela que se o mercado de trabalho não reivindicasse a terminalidade da educação básica a escola não teria sentido, visto que, o que a escola tem para oferecer eles consideram valores desnecessários. No entanto “É o jovem trabalhador que se torna estudante” (CORROCHANO, 2014).

Na pesquisa realizada encontramos jovens-alunos que consideraram que a escola não tem nenhuma importância para as suas vidas. Porém, a maioria, compreende a escola como sendo importante para seus estudos, futuro, trabalho e exercício da cidadania.

O que podemos verificar nas falas citadas e, sobretudo pensar, é que os jovens acreditam que a escola é capaz de lhes oferecer alguma coisa, mas, o cotidiano escolar não os atrai, de forma a corresponder às suas expectativas de projeto de vida. A obrigatoriedade da educação básica para certificar-se é o maior objetivo.

Quando adentramos na análise da relação jovem-aluno e escola, observamos que mais da metade do entrevistados dizem não fazer nada pela sua escola. No entanto, o mais preocupante é o fato de que um número maior ainda afirmar que a gestão da escola não permite que eles participem ativamente na organização da escola. A falta do diálogo e parceria tem afastado cada vez mais o jovem da escola.

A construção de um bom relacionamento entre os jovens-alunos com a escola deve começar a ser vista como um processo dialógico, e não apenas como regras e deveres a cumprir. Acreditamos que ouvir a voz da juventude é o início para o exercício dialógico. Os jovens passam na escola boa parte do seu dia e tem muito a contribuir. Nove dos doze entrevistados se sentem à vontade na escola, o que significa que eles constroem amizades, laços e intimidades suficientes para se sentirem assim.

Os jovens-alunos conhecem bem sua escola, seu funcionamento, suas regras, suas limitações, seus espaços, o que pode ser aproveitado ou não. Para eles a escola é o lugar que deve valorizar práticas inovadoras e interessantes, que interajam com a comunidade

escolar, que ocupem o espaço escolar com a participação juvenil. Segue algumas falas dos entrevistados sobre o que deveria acontecer mais e sobre o que eles mais gostam da escola:

Observamos uma juventude querendo encontrar sentido à sua ida à escola. Portanto a escola deve proporcionar mais que apenas a transmissão de conteúdos. Deve investir em cultura, lazer, esportes, aulas práticas, pesquisa, discussões, debates etc. Situações que esses jovens sintam-se representados e possam aproveitar seu tempo na escola. E encontrar sentido nas aulas, nos conteúdos, nas atividades e no cotidiano escolar.

O estereótipo de aluno ideal carrega em si muitos preconceitos, o que acaba excluindo os alunos que não se enquadram neste padrão. Portanto, a escola muitas vezes continua a exigir essa construção idealizada, desconsiderando quem é esse jovem que chega à escola e incentivando a competitividade. Oito, dos dez sujeitos entrevistados, afirmaram que a escola não os trata igualmente.

O jovem-aluno que frequenta a escola sente a necessidade de ser ouvido, compreendido e levado a sério. Segue alguns trechos sobre o que eles acham que a escola precisa aprender sobre eles:

A pesquisa indica que o aprendizado na escola pelos jovens não é usado no seu dia-a-dia. O que reforça cada vez mais a dicotomia dos sentidos e significados adquiridos, e o afastamento da escola pelos discentes.

Através das falas dos sujeitos pudemos perceber a distância entre o dentro da escola e fora de seus muros, o que é preocupante, porque a escola está inserida em um espaço que é rodeado por conjunturas culturais. Desconsiderar o cotidiano do aluno é fugir da realidade e maquiagem uma realidade totalmente diferente da que os jovens-alunos vivem. Então como encontrar sentidos em um lugar que é contraditório à sua realidade?

Durante a pesquisa pudemos observar que a escola ocupa um lugar importante na vida dos jovens-alunos. Eles reconhecem que o que a escola tem para ofertar é preciso. Isto é, eles dão sentido e significado às aprendizagens oferecidas pela mesma. Quando relacionam a escola a seu futuro essa credibilidade e importância aumentam ainda mais.

Através das falas dos entrevistados fica claro que a escola está distante do que o jovem pensa e deseja. Essas contradições de realidade e ideologia incentiva cada vez mais os jovens a desejarem menos a escola e mais o mundo fora da escola. Além do mais, estes jovens não querem fazer parte de como a escola está no presente. Apenas um, dos doze jovens, participa de algum grupo na escola. Os motivos da não participação são apenas dois: porque não tem ou porque eles não se interessam.

No entanto percebemos que para esses jovens-alunos o modelo de escola vivido por eles mostra-se atrasado em relação às condições juvenis construídas socialmente, isto é, a escola não tem acompanhado os avanços e mudanças culturais, estando presa a modelos e conceitos que para os jovens já estão ultrapassados.

DISCUSSÃO

A escola está presente na vida dos jovens durante sua infância e adolescência. Ela é responsável por atribuir aprendizagens de conhecimentos históricos e sociais que são elaborados, selecionados, organizados e considerados necessários para o exercício da cidadania. Portanto, a escola é indubitavelmente importante na sociedade, já que é ela que oferece a educação básica para prosseguir com os estudos e com o trabalho. Todavia, a sociedade, lugar de exercer a cidadania é diversificada. É composta por diferentes espaços culturais, políticos e ideológicos, ela é construída por uma mistura de pessoas que não são únicas e que vão se modificando com o passar dos anos.

A escola como lugar de preparação para essa sociedade deve entender e apreender que quem a frequenta vive parte dessa socialização todos os dias. Os alunos não mudam de mundo quando entram na escola, pelo contrário. Eles levam coisas do seu mundo para a

escola. É preciso que os agentes da escola reflitam e considerem que a escola não é apenas importante para a sociedade e para a família, mas que possui importâncias peculiares para as crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Depois do ambiente familiar a escola é o lugar onde temos os primeiros contatos com regras, disciplinas, conhecimentos, socializações e trocas de saberes. É nela que entramos desde a educação infantil e saímos após o Ensino Médio. É também na escola que aprendemos a socializar, a trocar ideias e a expor opiniões.

Dentro desse contexto, as formas como os agentes que compõem a escola recebem esses jovens-alunos podem inibir ou desenvolver a capacidade de externar suas opiniões e sua participação. A valorização da opinião dos alunos e o modo como lidar com esses momentos são importantes para a construção da formação discente

CONCLUSÕES

Diante das discussões e análises apresentadas, propõe-se a reestruturação do ensino médio e da escola, visto que existe uma distância de uma escola idealizada para uma escola real. As juventudes que a frequenta, acreditam na indispensabilidade da educação básica sendo ela válida e importante para suas vidas, mas os caminhos percorridos no cotidiano escolar estão enfraquecendo essa validação, deixando apenas a obrigatoriedade para o mercado de trabalho, ensinos superior ou tecnológico.

O que observamos e nos preocupa é o desejo pela certificação da educação básica sem almejar experimentar uma formação integral, ou seja, a escola não está oferecendo essa formação e nem os jovens ambicionam a mesma.

A preocupação enquanto educação é de não garantir apenas o operacional da exigência do processo produtivo, mas de uma formação geral que forneça concepções, e visões de mundo, de maneira que os jovens e os adultos tenham autonomia para exercer a sua atividade intelectual.

AGRADECIMENTOS

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

UFPE- Universidade Federal de Pernambuco

ORIENTADOR: Ramon de Oliveira

FAMILIARES E AMIGOS

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Repensar o ensino médio: Por quê. Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo** / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Caia, Organizadores;- Belo Horizonte: editora UFMG, 2014. 339 p.II.

CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho?** Juventude e ensino médio : sujeitos e currículos em diálogo / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2014. 339 p.

DIEESE. **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2015:** qualificação social e profissional. 3. ed. São Paulo: DIEESE, 2015. Disponível em<

<http://www.dieese.org.br/>